

Sobre Agostinho da Silva*

José Almino de Alencar

QUANDO O MINISTRO GILBERTO GIL ME CONVIDOU para integrar e ficar à frente do Comitê Coordenador das Atividades em torno das Comemorações do Centenário de Nascimento do professor Agostinho da Silva, assim o fez porque eu sou presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa. Pareceu-lhe natural que a iniciativa de coordenar as comemorações ficasse a cargo da instituição do Ministério da Cultura que tem como missão principal “promover a preservação e a pesquisa da memória e da produção literária e humanística e congregar iniciativas de reflexão e debate acerca da cultura brasileira”. A um organismo que tem inscrito em sua missão uma tarefa de reflexão caberia, portanto, organizar um evento relativo a um filósofo. Assim nos parece bem; e, por isso, desde logo manifesto a minha satisfação em participar desta mesa-redonda promovida pela Academia Brasileira de Letras.

Embora a obra de Agostinho da Silva me fosse quase desconhecida, o seu nome e os ecos de sua influência me acompanham há muito tempo, pelo menos desde janeiro de 1964, quando fui prestar vestibular na Universidade de Brasília, e o avistei – apontado por Heron de Alencar – atravessando o *campus*, acompanhado do então professor de letras clássicas Eudoro de Souza, de cujo filho, o poeta Eudoro Augusto, tornei-me camarada. Não houvesse sido Heron um dos meus mentores intelectuais, não fosse aquele o período solene da minha iniciação no mundo universitário e, enfim, não tivesse sido aquele ano de 64 o ano que foi para o País e para mim em particular é provável que o momento tivesse escapado à memória de um adolescente mesmo muito impressionável. Mas, recordo-me bem, e é possível que essa lembrança não

* Texto lido na abertura do *Seminário Agostinho da Silva, um filósofo da liberdade*, realizado na Academia Brasileira de Letras em 3 de agosto de 2006.

desagradasse ao próprio Agostinho, que pelo que aprendi, ele não se recusava a ver sinais em acontecimentos aparentemente triviais.

Naquela ocasião, Heron de Alencar, um entusiasta de Brasília – na qual identificava o resultado de um empenho original do nosso espírito criativo a manifestação de um gênio particular nosso –, expressou a admiração que tinha pelo filósofo referindo-se a um trabalho recente que ele havia escrito sobre Brasília e a Universidade, ao mesmo tempo em que denunciava – um tanto condescendente – o tom sebastianista do artigo. Sendo nordestino, eu era certamente atento aos episódios de Canudos e, como todo adolescente brasileiro com pretensões literárias, já lera a *Mensagem* de Fernando Pessoa; mas aquela era certamente a primeira vez que ouvia a expressão aplicada a um ser contemporâneo, vivente. Quando tratei de fazer o meu dever de casa para conhecer um pouco melhor a obra de Agostinho da Silva encontrei ao que Heron se referira:

Para mim, Brasília não vale coisa nenhuma, apesar do que disse, pelo seu aspecto universitário. [...] Vale porque é o ponto de apoio, do qual vamos partir para essa aventura extraordinária que é a de reatar o que ficou interrompido nos séculos XV e XVI, para a aventura missionária que as tais circunstâncias não permitiram realizar e que nós agora podemos lançar pelo mundo tanto mais facilmente quanto menos esteja pesando em nós – como nos santos que se tornam ascetas – o corpo corporal, o corpo material.¹

Ser tudo, de todas as maneiras, porque a verdade não pode estar em faltar ainda alguma cousa! dissera Fernando Pessoa em uma entrevista à *Revista Portuguesa* de 1923, que vale ter um trecho citado aqui porque a sua visada extremada e a astúcia retórica, escandalosa, com que combina derrisão e pungência tem nítido parentesco com o tom adotado por Agostinho da Silva.²

O entrevistador, o poeta Antônio Alves Martins, pergunta a Pessoa: – *O que calcula que seja o futuro da raça portuguesa?* E ele responde:

¹ Agostinho da Silva. “Presença de Portugal”, publicado em 1962. In: *Ensaios sobre a cultura e literatura portuguesa e brasileira*, org. de Paulo A. E. Borges, volume I. Lisboa: Editora Âncora, 2000, p. 131.

² Esta aproximação é sugerida por Paulo Borges no seu excelente ensaio introdutório aos *Ensaios sobre a cultura e literatura portuguesa e brasileira*, volume I. Op. cit. p. 21-22.

– Esse futuro é sermos tudo. Quem, que seja português, pode viver a estreiteza de uma só personalidade, de uma só nação, de uma só fé? Que português verdadeiro pode, por exemplo, viver a estreiteza estéril do catolicismo, quando fora dele há que viver todos os paganismos mortos e vivos, fundindo-os portuguesmente no Paganismo Superior? Não queiramos que fora de nós fique um único deus! Absorvamos os deuses todos! Conquistamos já o Mar; resta que conquistemos o Céu, ficando a terra para os Outros, os eternamente Outros, os Outros de nascença, os europeus que não são europeus porque não são portugueses. Ser tudo, de todas as maneiras, porque a verdade não pode estar em faltar ainda alguma coisa!

Aos olhos do cético mediano, entre os quais eu me incluíria, ou se tomarmos como referência, por exemplo, as análises que atribuem ao **que é** a força de uma inércia intransponível e fazem dos cálculos de interesse ou das disputas de poder o centro-motor e praticamente único das coisas, tais afirmações são anacrônicas, excessivas ou talvez um exemplo de fabulação poética da História – cuja expressão épica contemporânea encontra na já citada *Mensagem* de Fernando Pessoa uma das suas expressões máximas. No entanto, despir esses dois autores de suas literalidades e intenções explicitadas é fazer violência contra a força sugestiva dos seus textos. No caso do pensamento de Agostinho da Silva, ele exige uma adesão inicial para que possamos segui-lo na sua aventura especulativa específica, que também é racional e universalista, circunstanciada e analítica, e que nos promete o que um pensamento verdadeiramente ambicioso teria a obrigação de nos oferecer, ou seja, **tudo**: algo que se irmanaria àquela grandeza *qual a sorte não dá*, do conhecido poema sobre D. Sebastião; ou à coragem dos que pereceram na Serra do Rodeador, chefiados pelo profeta Silvestre dos Santos e dizimados pelas tropas do então governador Luís do Rego Barreto em 1819, no hoje município de Bonito,³ em Pernambuco.

³ Localidade de Pernambuco a 135 km do Recife. Em 1819, um pequeno povoado na Serra do Rodeador, em Bonito, formado por uma seita sebastianista, liderada por Silvestre José dos Santos, autoproclamado profeta, foi atacado por uma tropa enviada pelo então governador de Pernambuco, Luís do Rego Barreto. Houve luta e fala-se de aproximadamente quinhentas mortes; os homens prisioneiros foram fuzilados e decapitados e as mulheres e crianças levadas ao Recife e abandonadas.

Na erística agostiniana, ao seguir a sua arte argumentativa, nós esbarramos a todo o momento com um estilo hiperbólico, arrebatador, envolvente, que ecoa o épico pessoano; no entanto, ele vem sempre acompanhado de uma argumentação cerrada, fincada em premissas que desafiam o senso comum e nos fazem olhar coisas ignotas ou talvez simplesmente esquecidas; premissas que também nos são extremamente sedutoras porque nos colocam na posição de depositários de uma vocação universalista do messianismo português. Ela se afasta – e nos afasta – e se opõe ao que nos era oferecido, por exemplo, por um dos antecessores mais ilustres – Eça de Queirós: a ironia dissolvente, muitas vezes repetitiva, e no final de contas, estéril:

Todos os acontecimentos mais ou menos ridículos ele [Eça de Queirós] retalhava com o seu escalpelo de finíssimo analista e eram esses exatamente os únicos que ele apresentava aos olhos dos leitores. [...] Porque foi sempre e sempre será mais fácil, imensamente mais fácil, destruir do que edificar. Todos concordaram logo com o escritor, porque isso lhes trazia diminuição de trabalho, em que era preciso não estar sempre com endechas à Pátria e frases líricas a Nuno Álvares e ao Infante, ao Decechado e a D. Francisco de Almeida e apressadamente rasgaram as razões de ordem dos seus discursos e os manuscritos das suas poesias patrióticas: mas, quando viram, quando perceberam que se lhes exigia o esforço suficiente para fazer Portugal caminhar mais depressa na célebre e batidíssima estrada (ou senda – segundo alguns autores) do Progresso e da Civilização – construindo os desejados barcos e fundando escolas primárias – todos se foram recolhendo – como o cágado que se abriga debaixo da casca – ao “não te rales” nacional, ao “deixa correr o marfim”, como a uma segura e inviolável fortaleza. [...]

O resultado de isto tudo foi a criação; o aparecimento de um pessimismo fortemente enraizado que só via nos homens Basílios e Acácios e nas mulheres Luíças e Cohens.⁴

Opondo-se ao negativismo de Eça, Agostinho da Silva também não busca refúgio em um retorno ao sentimentalismo romântico ou patriótico: elege o épico pela força de seu

⁴ “As responsabilidades de Eça de Queirós”, *Acção Acadêmica*, 15 de outubro de 1925. In: *Ensaios sobre a cultura e literatura portuguesa e brasileira*. Op. cit. p. 143-144, 145 e 146.

apelo à história e como um fator de motivação a uma ação humana transformadora da vida. Penso que no seu caso, o messianismo não sugere, por paradoxal que possa parecer a afirmação, uma ideologia ingênua da espera. A promessa a ser encarnada encontrar-se-ia virtualmente, por exemplo, nas fímbrias da cultura ocidental, produtos muitas vezes do trabalho de homens simples de terras como as nossas, pronta a ser desenvolvida por nossas imaginações e vontades:

Tudo isto que está imerso na liberdade gaúcha ou na beleza dolorosa e frágil das violadas de roça ou nas carrancas do S. Francisco ou nos folhetos das feiras nordestinas; ou que já teve uma primeira e fragmentada expressão nos novos edifícios brasileiros, nas Escolinhas de Arte ou nos sábios do Instituto Oswaldo Cruz; tudo isto poderá de súbito eclodir numa explosão de Primavera do mundo e, dando as mãos a movimentos novos das terras portuguesas, trazer ao universo aquele novo tipo de existência que não será marcado pela submissão à cidade ou pela caridade perante o degradado irmão, mas pela possibilidade para cada indivíduo de ser um criador no campo da Arte ou no campo da Ciência ou, no que é talvez mais importante, no de sua própria vida.⁵

São prognósticos quase insolentes, desabridos, se não fossem tão alegres e simpáticos nas suas pretensões de justiça e na vocação universal com que se apresentam.

Enquanto escritores brasileiros como Gilberto Freyre, Ariano Suassuna e Darci Ribeiro, por exemplo, reúnem elementos da nossa cultura que poderiam delinear um universo próprio, uma civilização entre outras manifestações nacionais, Agostinho da Silva propõe que nos tornemos uma cosmogonia em ação: o vetor de grandes transformações universais; grandes e ao mesmo tempo singelas se levarmos em conta o tempo que a humanidade vem esperando por coisas aparentemente tão elementares, como as que nos enumera o filósofo: um sistema de convivência social baseado na

libertação do homem e não na escravatura à máquina, baseado no grupo e não na concorrência; de um regime em que possam os homens cumprir plenamente o dever de

⁵ “A cultura brasileira”, 57, nº 5 (Lisboa, Setembro de 1958). *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira*. Op. cit. p. 245 e 246.

pensar, de se informar e de, livres, contribuírem para o progresso de sua comunidade; de um ecumenismo religioso que as integre no mesmo corpo místico a todos os teístas e a todos os ateus do mundo; mundo que nos espera e seguirá se tivermos a **coragem de ser outros**: os que não somos e éramos.⁶

Postar-se assim com a disposição renovada de ser outro é, muitas vezes, viver uma posição de exilado entre a maioria dos seus contemporâneos e coexistir com a perspectiva freqüente do fracasso. “Como viver sob o impacto de uma dor permanente”: nos diz o poeta pernambucano Tomás Seixas – que cito aqui, em protesto contra o seu esquecimento – em um poema intitulado *O tratado*, uma alusão aos compromissos perversos e às rendições desonrosas.

O pensamento de Agostinho da Silva constitui uma espécie de atraente canto de sereia para os espíritos descrentes como o meu. Ao cético caberia menear a cabeça e objetar com as dificuldades impostas pelas circunstâncias, pela força das coisas. Debate-se com os métodos, os “como fazer”. Mas, não há escapatória a essa dor permanente, identificada pelo nosso poeta. O cético, no fundo, deseja crer: o ceticismo é uma doença da esperança, uma forma quieta e fria de embriaguez que exacerba a razão; ou, um atributo dos que muitas vezes desconhecem a advertência de Unamuno:⁷ por serem vitoriosos os que se adaptam às idéias do mundo e derrotados os que exigem que o mundo se adapte às suas idéias, é dos derrotados que depende o avanço da humanidade.

⁶ “A coragem de ser outros”. *Notícia* n. 596, Lisboa, 8 de maio de 1971. In: *Ensaios sobre a cultura e literatura portuguesa e brasileira*, org. de Paulo A. E. Borges, volume II. Lisboa: Editora Âncora, 2000, p. 133.

⁷ Apud. Roberto Mangabeira Unger. “Ensino e futuro”. *Folha de S. Paulo*, 4 de abril de 2006.